



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CENTRAL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE LUZIÂNIA
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA APARECIDA DA CRUZ MACÊDO

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

LUZIÂNIA-GO
2023

MARIA APARECIDA DA CRUZ MACÊDO

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Central, Unidade Universitária de Luziânia, sob orientação da Professora Doutora Zenaíde Dias Teixeira

**LUZIÂNIA-GO
2023**

MARIA APARECIDA DA CRUZ MACÊDO

**INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada (o) em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Luziânia.

Aprovado em _____, de _____, de _____, pela banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Zenaide Dias Teixeira Porto – Orientadora
Pós-Doutora pela Universidade de Brasília em Sociolinguística
Universidade Estadual Goiás

Prof. Daniel Pereira da Silva – Avaliador/Membro interno
Mestrando Ciências das Religiões - UnB
Universidade Estadual Goiás

Prof. Zenaide Maria de Sousa Gomes – Avaliador/Membro externo
Mestranda Programa de Pós Graduação Gestão, Educação e Tecnologias
Universidade Estadual de Goiás

**LUZIÂNIA-GO
2023**

Dedico este trabalho aos meus pais e tios que sempre se esforçaram para me proporcionarem a melhor educação. Ao meu sogro que sempre me apoiou, incentivou e ao meu esposo que sempre me compreendeu nos dias de grande ansiedade e por todo companheirismo e esforço que fez para que eu pudesse realizar este trabalho da melhor forma possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e saúde para realizar este trabalho de forma plena.

A minha família por toda a dedicação e sacrifícios que fizeram durante todos esses anos para me criar e me proporcionar o que de melhor eles podiam me oferecer.

Ao meu grande companheiro Rodrigo Bráz Maruo, por ter me apoiado em todos os momentos e feito de tudo para me ajudar durante todo o período da Universidade e por ter tido paciência para me escutar em todos os momentos de inquietações e dúvidas durante a realização deste trabalho.

Aos professores da Universidade Estadual de Goiás que se dispuseram a dividir os seus conhecimentos e principalmente aos que com sua maneira simples e cativante de transmitir seus saberes foram capazes de me fazer refletir sobre as várias formas de educar e aprender.

A todos os colegas que conheci durante esse período e principalmente às amigas que conquistei e que tanto contribuíram nas atividades acadêmicas.

A todos os funcionários da escola que visitei para realizar a observação, em especial à professora da turma, à diretora e às coordenadoras pelo apoio e receptividade.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação e que não foram citados. Fico muito feliz por finalmente estar concretizando esta grande realização na minha vida e podendo assim sonhar novos sonhos que, como este poderão se tornar realidade. Meus sinceros agradecimentos a todos!

Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver.
Ana Beatriz Barbosa Silva.

RESUMO

A inclusão de alunos autistas na escola regular atualmente é uma realidade conquistada há poucos anos. E para isto acontecer foi necessária a implantação de muitas leis para se concretizar este processo de inclusão, que é tão importante para a sociedade brasileira, que passa a respeitar as diferenças e a acreditar que todos são capazes de participar do processo de ensino e aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a inclusão de alunos com Autismo nas escolas regulares nos anos iniciais do ensino fundamental e pesquisar as condições estruturais da escola e do seu corpo docente para a inserção destes alunos na escola regular. Durante a pesquisa de campo foram utilizados o instrumento de observação com registro em diário de campo e o questionário aplicado junto aos professores e pais dos alunos com Autismo, cujo foco foi conhecer seus conhecimentos acerca do TEA e das metodologias que podem favorecer a inclusão desses alunos no ambiente escolar. Também se destacarão as principais características da criança com TEA nos anos iniciais do ensino fundamental e as potencialidades das experiências nessa etapa da Educação a partir das contribuições da família. Conclui-se que família é um dos pilares para o processo de aprendizagem de crianças com TEA. Quando a família é apoiada por equipe multidisciplinar, na qual o pedagogo participa, esse mesmo processo de aprendizagem de crianças com TEA é potencializado.

Palavras-chave: inclusão; alunos; Autismo; Anos Iniciais.

ABSTRACT

The inclusion of autistic students in regular schools is currently a reality achieved a few years ago. And for this to happen, it was necessary to implement many laws to materialize this process of inclusion, which is so important for Brazilian society, which starts to respect differences and believe that everyone is capable of participating in the teaching and learning process. This work aims to reflect on the inclusion of students with Autism in regular schools in the early years of elementary school and research the structural conditions of the school and its faculty for the insertion of these students in regular school. During the field research, the observation instrument was used with a field diary record and the questionnaire applied to teachers and parents of students with Autism, whose focus was to know their knowledge about ASD and the methodologies that can favor the inclusion of these students in the school environment. The main characteristics of children with ASD in the early years of elementary school and the potential of experiences at this stage of Education will also be highlighted, based on family contributions. It is concluded that family is one of the pillars for the learning process of children with ASD. When the family is supported by a multidisciplinary team, in which the pedagogue participates, this same learning process of children with ASD is enhanced.

Keywords: inclusion; students; Autism; Early Years.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	12
2.1 Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista	12
2.2 Inclusão de alunos autistas nas escolas públicas	14
2.3 A Importância da escola no desenvolvimento do aluno autista	15
2.4 Estratégias de ensino para o processo educativo de alunos autistas	17
3 METODOLOGIA DE PESQUISA E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	21
3.1 Diagnose da escola campo.....	21
3.2 Nosso percurso metodológico	21
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE 1.....	31
APÊNDICE 2.....	33

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas pelo transtorno, sendo que, em crianças, é mais comum que o câncer, a Aids e a diabetes. Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social. No entanto, isso não significa dizer, em absoluto, que a pessoa com autismo não consiga e nem possa desempenhar seu papel social de forma bastante satisfatória. Ao contrário, pretendemos, nesta pesquisa, não só esclarecer algumas dúvidas como também romper a visão obtusa e estigmatizada que a nossa sociedade ainda tem acerca desse mundo singular.

Compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando estamos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. E talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele. Podemos fazer uma analogia entre o autismo é um jogo de quebra-cabeça. Se olharmos apenas para cada um dos sintomas envolvidos, incorremos no erro de avaliarmos, de maneira parcial, o conjunto que a obra representa. Mas, se tratarmos e cuidarmos corretamente desse indivíduo, o jogo é montado e podemos nos surpreender com o resultado obtido.

A tarefa de montar um quebra-cabeça pode não ser nada fácil para muitos de nós: buscamos peça a peça e tentamos encaixá-las, cuidadosamente, a fim de que pequenos fragmentos, que aparentemente não têm lógica, possam se transformar em uma bela paisagem. No entanto, o que pode ser difícil para alguns é extremamente prazeroso para muitos, inclusive para os próprios indivíduos com autismo, que, muitas vezes, desempenham essa tarefa com maestria. Isso porque o transtorno propicia uma visão extraordinária dos detalhes e, em muitas situações, esta característica se traduz em beleza, arte e talentos incontestáveis.

O que vemos hoje nas escolas, é que no dia-a-dia estão aparecendo novos casos de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou algum outro tipo de deficiência, mas cabe aos professores saberem como lidar com a tal situação, partindo

deste pressuposto, será que as instituições estão preparadas para receber estes alunos e os professores estão realmente capacitados?

Percebe-se a falta de capacitação de alguns professores, porém, não é apenas isso, a falta de recursos escolares também é frequente e nota-se que a inclusão, a cada dia que passa está mais frequente nas escolas e, com ela, torna-se necessário a busca pelo conhecimento de como receber e estar preparado para estes alunos e, a partir daí, tornar a vida deles, ao menos, maleável e, concretizando assim, a estabilidade social.

Na busca pela inclusão de crianças com TEA, ajudar na socialização é a chave principal. O aluno com TEA precisa compreender o que os outros pensam, querem e desejam dele para que ocorra a comunicação e aceitação. Por conta disto, as comunicações devem ser sempre diretas com estes alunos.

De acordo com Lemos (2016, p. 352), "considerando a importância de estimular precocemente habilidades e de favorecer as interações sociais, a inclusão escolar dessas crianças tem sido indicada por profissionais de diferentes áreas."

Sabe-se que infelizmente existem profissionais que não estão aptos para trabalhar com inclusão escolar. Vive-se em constante busca de informações e recursos que viabilizem o trabalho. Porém, a maioria dos professores não são capacitados para trabalhar com o TEA ou qualquer outra deficiência, e se não buscam especialização, não será possível chegar a lugar algum e não ocorrerá uma boa qualidade de ensino.

Daguano e Fantacini (2011, p. 110) destacam que:

Através dos jogos, brinquedos e brincadeiras podemos estimular a imaginação, a auto-estima e a cooperação entre as crianças, permitindo, assim, que a criança interaja e estabeleça relações sociais com as outras crianças.

O professor tem que rever o modo como se trabalha, pois, sua sala será diversificada e terá que trabalhar de diversas maneiras. Para começar, o professor deve investigar onde está a dificuldade do aluno. O educador deverá trabalhar e constituir novas práticas de ensino. As escolas, hoje, estão com uma demanda muito grande de alunos com deficiência e isto requer mais atenção e mais buscas por informações, oferecer uma educação de qualidade e que possibilite autonomia às essas crianças é papel do educador.

O TEA impede a comunicação e o comportamento do aluno, e isto impede que ele se socialize. Assim, a aprendizagem é mais demorada, isso prejudica que ele consiga se expressar e a inclusão escolar traz a esse aluno uma nova esperança, mais vontade de aprender e traz também um grande passo no que se diz respeito à inclusão.

Acredita-se que a noção de “aceitação do aluno”, por parte do professor, parece depender de vários fatores, tais como: a sua formação as políticas de inclusão, a concepção de deficiência e de autismo que possui e, também, do tipo de relação que se propõe a estabelecer como aluno: se com os seus “sintomas” ou com a criança que constitui este aluno. (SANINI; BOSCA, 2015, p. 2).

O professor é o principal mentor para abrir as portas e os caminhos, portanto ele precisa conhecer seus alunos, saber suas dificuldades, deficiências, saber o que ele deve trabalhar sempre tentando alcançar o sucesso. O aluno com TEA não se enturma muito e sempre prefere fazer atividades no seu espaço, cabe aos professores saber lidar com a situação.

Segundo Brito (2015, p. 83), “Nos aspectos educacionais percebe-se que para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, na escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração.”

A educação é a chave para a socialização e a inclusão do aluno autista, e a escola é o alicerce para que ocorra o contato professor-aluno e aluno-aluno. A socialização para essas crianças que apresentam TEA é de tamanha importância, pois, faz com que elas desenvolvam uma área comprometida do seu cérebro, que os impede de interagir com os demais e os fazem viver em seu “mundinho” de partes separadas. A socialização de crianças com TEA tende a ser restrita, evitando o toque, o olhar, a relação. Dessa forma, é essencial a relação da família e da escola em buscar a interação da forma mais tranquila, sem obrigar a criança com TEA.

Nesse sentido, o nosso objetivo geral é identificar as dificuldades de aprendizagem no que se refere à adaptação do aluno com Autismo em sala de aula. E nossos objetivos específicos são: Observar as estratégias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento de ações pedagógicas em sala de aula com alunos autistas; descrever as principais dificuldades encontradas pelos professores quanto à inclusão de alunos autistas nas escolas; Explicar as dificuldades de aprendizagem no que se refere à adaptação do aluno com Autismo em sala de aula.

2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Existe uma grande associação entre autismo e deficiência mental, desde o leve até o severo, sendo que se considera que a gravidade desta deficiência mental não está necessariamente associada à gravidade do autismo, portanto neste capítulo tentaremos esclarecer o que é, e quais as causas do autismo.

A Política Nacional de Educação Especial Inclusiva de 2008 e a legislação educacional vigente no País, garantem à pessoa com autismo o direito à educação e a inclusão escolar. Diante disso, surgiu a necessidade de realizar esta pesquisa sobre o autismo e o professor, a fim de verificar mais de perto como acontece a inclusão de alunos autistas. Pois é de suma importância enfatizar que há uma grande necessidade dos profissionais da educação em especial os professores em se aprofundarem mais nos estudos sobre autismo e a inclusão de alunos autistas na escola.

2.1 Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista

São muitos os estudiosos que procuram explicações para as causas e consequências do autismo. Porém poucos são os avanços sobre como ou porque as causas desse transtorno. Entender esta síndrome é um desafio enfrentado por muitos pesquisadores que buscam respostas ainda não encontradas. Algumas características são bem gerais e marcantes, como: tendência ao isolamento, ausência de movimento antecipatório, dificuldades na comunicação, alterações na linguagem, com ecolalia e inversão pronominal, problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, resistência a mudanças e limitação de atividade espontânea; Bom potencial cognitivo, embora não demonstrasse. Capacidade de memorizar grande quantidade de material sem sentido ou efeito prático. Dificuldade motora global e problemas com a alimentação (KANNER, apud MENEZES, 2012, p. 37).

Diante do exposto, percebe-se que o autista precisa ser compreendido em sua essência e ser visto como pessoa capaz de desenvolver habilidades mediante estratégias adequadas. Ter sensibilidade e acuidade para trabalhar com aluno autista e descobrir suas aptidões e capacidades torna-se extremamente prazeroso e de fundamental importância na vida profissional do educador. Com o apoio teórico de Kanner (1996), que foi o primeiro a descrever o quadro clínico, dando-lhe o nome de

autismo infantil precoce e fez a primeira publicação clínica reconhecida sobre o assunto, datada em 1943. O autismo tem sido um assunto desafiador para os estudiosos de todas as áreas, pela falta de conhecimento mais aprofundado sobre suas características e como trabalhar com esta clientela. Segundo este pesquisador:

[...] o denominador comum desses pacientes é sua impossibilidade de estabelecer desde o começo da vida, interações esperadas com pessoas e situações [...] apreciam ser deixados sozinhos, agindo como se as pessoas em volta não estivessem ali [...] quase todas as mães relatam a perplexidade causada pelo fato dos filhos, diferentes dos demais, não desejarem ser tomados em seus braços (KANNER, 1966, apud KELMAN et al, 2010, p. 224).

Com o passar do tempo, outros pesquisadores e estudiosos também foram desenvolvendo seus estudos como Klin (2006) que classifica pessoas com autismo conforme suas características; com algumas alterações, como por exemplo, relacionando o autismo a um déficit cognitivo, considerando-o não uma psicose e sim um distúrbio do desenvolvimento. Essa ideia do déficit cognitivo vem sendo reforçada por muitos estudiosos até os dias atuais. Como vivem em um mundo muito confuso, é compreensível que crianças autistas tentem se apegar às poucas coisas que conseguem entender.

Elas gostam de manter as mesmas rotinas, uma leve mudança pode provocar gritos e acessos de raiva. Também se tornam bastante apegadas a objetos, que podem ser brinquedos comuns ou coisas aparentemente sem atrativos (GAUDERER, 1985, p. 119). Devido estas características os alunos autistas são muitas vezes deixados de lado, sem atenção dos professores. O isolamento destes muitas vezes é visto com descaso, ou como algo sem jeito. Até muitas famílias desprezam ou deixam estas crianças apáticas isoladas, no seu mundo, sem buscar meios para levá-las a interagir ou à socialização.

Segundo Klein e Hattge (2010) os autistas podem ser agrupados conforme as características comportamentais que permitem avaliar seu grau de severidade. No grupo considerado severo temos os indivíduos com comprometimento maior, um intermediário e um terceiro grupo com comprometimento mais discreto. De acordo com o autor: Há uma variação notável de sintomas no autismo. As crianças com funcionamento mais baixo são alto de funcionamento e são pouco mais velhas, seu estilo de vida social é diferente, no sentido de que elas podem-se interessar pela interação social, mas não podem iniciá-las ou mantê-las de forma típica.

O estilo social de tais indivíduos foi denominado 'ativo, mas estranho, no sentido de que eles geralmente têm dificuldade de regular a interação social após essa ter começado. As características comportamentais do autismo se alternam durante o curso do desenvolvimento (KLIN, 2006, p. 8). Oferecer a todos os autistas uma única proposta educacional torna-se um desrespeito à individualidade destes, pois são as características do indivíduo que determinam a intensidade e diversidade de intervenções pedagógicas que necessitam para o desenvolvimento de seu processo educacional. Diante disto, percebe-se a urgente necessidade de inovação e adequação do sistema educacional quanto a adaptação de currículos, formação de professores, a fim de atender peculiaridades dos alunos autistas.

2.2 Inclusão de alunos autistas nas escolas públicas

É considerável o número de alunos autistas nas escolas comuns. Estudos e pesquisas afirmam que a intervenção educacional tem apresentado impactos positivos na aprendizagem, no desenvolvimento e na participação desses alunos. Kelman (2010) aborda a inclusão numa perspectiva dialógica onde são refletidas e discutidas as situações que envolvem a inclusão, bem como possíveis soluções, corroborando ainda para enriquecer este trabalho. No entanto, para que esses alunos recebam a devida atenção é necessário que as escolas se apropriem de fato e de direito de uma política educacional que proporcione formações adequadas aos professores como também, a apropriação de um projeto político pedagógico que vise garantir um atendimento respeitando as particularidades de cada aluno de modo que lhes traga um desenvolvimento positivo e um ensino de qualidade.

Beyer (2006) aponta que os professores se sentem despreparados. Para o autor, faltam a estes uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho. Essas considerações nos levam a refletir sobre a forma como o espectro do autismo desafia a comunidade escolar. Então surge a pergunta: Se há profissionais então qual é o problema? Seria a falta de conhecimentos, de estudos na área? Serviu-se ainda dos estudos de Gauderer (1993), estudioso que se aprofundou na pesquisa e análise em busca de compreender o comportamento das pessoas autistas; também os trabalhos desenvolvidos por Baptista (2006), que discorre sobre a importância de um currículo

flexibilizado para facilitar o trabalho realizado pelos professores no atendimento a alunos autistas. E Correia (2008) que aborda os desafios necessários para a implantação da educação inclusiva nas escolas, mostrando que a educação inclusiva vai além da acessibilidade, é preciso sensibilidade e mudança de concepção, adaptação curricular e formação adequada dos profissionais.

Outro estudioso utilizado foi Beyer (2006) que discorreu sobre a evolução do processo inclusivo de alunos especiais nas salas de aula comuns. Ele aborda ainda a grande preocupação que deve existir em relação a falta de preparo ou lentidão na formação de professores para trabalhar com alunos especiais. Diante disto, percebe-se a necessidade de mais preparo dos profissionais da educação que devem ter formação adequada para receberem esses alunos. Que os mesmos não só sejam matriculados, mas tenham seus direitos garantidos, uma educação de qualidade. Sabe-se que o professor é o principal responsável em tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar metodologias que venham atender as necessidades dos mesmos. Pois é ele quem recebe e estabelece o primeiro contato com a criança, seja ele positivo ou negativo, dessa forma é do professor o desafio de efetivar o processo de inclusão, considerando que é seu dever criar estratégias de desenvolvimento que atenda as necessidades de todos os alunos.

Vale ressaltar a importância de o professor detectar as dificuldades de seus alunos, pois é indispensável que ele conheça todas as características e tenha um pleno conhecimento do que é o autismo para que haja propriedades nas práticas aplicadas que visem à inclusão e no desenvolvimento dos alunos. Conhecer para ajudar vai fazer grande diferença na vida destes alunos que muitas vezes sofrem preconceitos ou discriminação devido suas peculiaridades.

2.3 A importância da escola no desenvolvimento do aluno autista

A escola inclusiva deve ser aquela que implica num sistema educacional que reconhece e atende às diferenças individuais, respeitando as necessidades de todos os alunos. O professor como os demais membros da escola comprometidos com uma educação com qualidade deve estar requalificando sua atuação como facilitador do processo ensino aprendizagem para identificar as necessidades educacionais e apoiar os alunos em suas dificuldades.

O autista sente dificuldade em se relacionar ou se comunicar com outras pessoas, uma vez que ele não usa a fala como um meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ele e que não interage fora dele. (MENEZES, 2012, p. 25). Sendo assim, cabe à escola promover a interação social entre o aluno autista e os demais alunos considerados “normais”, para que assim ocorra o desenvolvimento de habilidades relacionadas à linguagem. O professor deve desafiar o aluno autista a participar de atividades interativas, favorecendo a comunicação entre todos os alunos.

Quando a criança autista frequenta a escola e é atendida por pessoas preparadas, ela recebe grandes benefícios. O simples fato de ter oportunidade de interagir com outros alunos da mesma idade lhe proporciona momentos de descobertas e aprendizado, embora muitas vezes esse avanço se torne imperceptível de compararmos com a padronização. Mas segundo a particularidade, ele tem avanços visíveis sim em curto prazo. Para isto, as instituições escolares precisam estar preparadas estruturalmente e profissionalmente para isto. (KELMAN, et al, 2010). Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propiciem condições de permanência exitosa no contexto escolar (KELMAN, et al, 2010).

Percebe-se que o ambiente escolar, como uma instituição da sociedade tem o dever de adaptar e proporcionar aos alunos autistas a oportunidade de conviver socialmente. E para que isso aconteça é necessário que a comunidade escolar, principalmente os professores tenham conhecimento do que é autismo, mas na maioria dos casos encontramos professores despreparados e alheios ao assunto.

Para Correia (2008), com a educação inclusiva surgem maiores exigências e desafios para as escolas e para os professores. É necessário que os intervenientes educativos programem um currículo que atendam às características dos alunos. Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio”. Planejar a aprendizagem e a participação de todos os alunos sem recorrer a respostas estereotipadas e pré-definidas, procurar as melhores formas de adaptar ou modificar o currículo à diversidade das necessidades dos alunos, trabalhar em articulação com outros profissionais ou serviços, promover a colaboração e

partilha de informações e experiências entre professores, dinamizar a produção de materiais curriculares, a observação mútua de aulas, a emergência de parcerias pedagógicas, incentivar a experimentação e inovação pedagógica. (CORREIA, 2008, p. 47). O oferecimento de um trabalho interdisciplinar no espaço escolar pode trazer muitos benefícios para os alunos especiais. A escola deve se adequar para atender todos os alunos independente de suas diferenças. Portanto, deve haver a preocupação principalmente com a capacitação de seus docentes, pois estes é que irão mediar o processo educativo na sala de aula.

2.4 Estratégias de ensino para o processo educativo de alunos autistas

O papel da escola é de fundamental importância para o desenvolvimento de todos os alunos. Buscar conhecer mais sobre o assunto, ter uma perspectiva inclusiva e preparar o quadro de docentes para trabalhar com alunos autistas é um importante começo. Aliado a isto, a busca de estratégias metodológicas de interação e desenvolvimento de todos os alunos deve ser alvo constante de uma escola inclusiva.

A busca por meios e estratégias para o trabalho com alunos autistas depende muito do empenho, sensibilidade e disponibilidade do professor em manter-se informado sobre as atualidades na área. O docente ao se planejar deve pesquisar estratégias de ensino que poderá adotar para adaptar o conteúdo, eleger os recursos pedagógicos e a didática a ser utilizada de forma que venha favorecer a aprendizagem de todos os alunos.

Uma sociedade inclusiva considera a pessoa especial com direitos iguais aos demais. Para isto, devem ser articuladas ações nas diferentes áreas sociais buscando romper com a cultura do preconceito contra as pessoas deficientes. Conforme Baptista (2006. P. 93) “[...] o compromisso do educador tem como base a apropriação de seus próprios recursos e instrumentos: a observação, o diálogo, a negociação e a avaliação retroalimentam o agir do educador”.

Desta forma, o professor deve rever as informações, conhecer e ter sensibilidade para lidar com as limitações e necessidades do aluno. Não basta ter formação, o lado humanístico deve estar presente em cada atividade realizada. Outro aspecto não menos importante é a estruturação e flexibilização do currículo, que deve atender às peculiaridades regionais e as particularidades de cada turma, não podendo

esquecer a qualidade na educação. Flexibilizar o currículo, para responder a cada caso particular - comunidade, religião, língua, etnia, necessidade específica - não é ficar preso a conteúdos predefinidos e a ritmos e estratégias de aprendizagem rígidas, mas antes adaptar os conteúdos, ritmos e estilos de aprendizagem, às condições concretas de cada grupo, subgrupo ou indivíduo (CORREIA, 2008, apud MORGADO, 2011, p. 8).

A escola deve conhecer bem sua clientela a fim de melhor atendê-la mediante suas reais necessidades, não abrindo mão da qualidade da educação oferecida. Trabalhar com alunos autistas exige o desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que acolham a todos e respeitem as diferenças. A incapacidade de desenvolver um relacionamento interpessoal se mostra na falta de resposta ao contato humano e no interesse pelas pessoas, associada a uma falha no desenvolvimento do comportamento normal, de ligação ou contato. Na infância, estas deficiências se manifestam por uma inadequação no modo de se aproximar, falta de contato visual e de resposta facial, indiferença ou aversão a afeto e contato físico (GAUDERER, 2011, p. 14).

Este comportamento muitas vezes pode não ser compreendido pela comunidade escolar. As manifestações decorrentes do autismo podem levar ao sentimento de rejeição por parte de quem não conhece as características deste transtorno. Por isso, o desafio de trabalhar com um aluno autista é grande, necessitando de bastante conhecimento e preparo para seu acompanhamento, além de formação acadêmica, a sensibilidade e acuidade do professor são extremamente importantes para compreender e trabalhar com o aluno autista.

Educar uma criança, por mais difícil que seja, aumenta o sentimento de amor na maioria das pessoas. Os pais sentem que a criança é parte deles e da família, não querendo que ela vá embora. Além disso, a criança autista pode ser bastante cativante e sua própria impotência e confusão fazem brotar emoções profundas nos que lidam com ela. Então, quando começam a fazer progresso, a alegria que cada pequeno passo avante traz, parece muitas vezes maior do que é dado por uma criança normal (GAUDERER, 2011, p. 127). A educação é importante na vida de qualquer pessoa, por isso, o progresso dos alunos autistas se torna ainda mais significativa, dada as circunstâncias muitas vezes difíceis enfrentadas por estes e por suas famílias.

Escolas e instituições que trabalham com autistas usam alguns métodos, programas e técnicas. Na educação de uma pessoa autista é muito importante

conhecermos e pesquisarmos, mas a sua aplicação deve ser por profissionais experientes e verificados quais métodos, programas e técnicas são adequadas, não descartando outras abordagens terapêuticas. Diversos tratamentos biomédicos e abordagens educacionais têm sido desenvolvidos mundialmente com o objetivo de promover o desenvolvimento social e a recuperação das pessoas com autismo, dentre eles o Programa Son-Rise.

O programa é um eficiente método educacional para crianças com autismo, desenvolvido pelo *The Autism Treatment Center of America*, em Massachusetts, nos Estados Unidos, e tem sido aplicado em diversos países com excelentes resultados. No Programa *Son-Rise*, toda a aprendizagem acontece no contexto de uma interação divertida, amorosa e dinâmica. A ênfase está na diversão. O mesmo aplica-se para o trabalho com um adulto. As atividades são adaptadas para serem motivadoras e apropriadas ao estágio de desenvolvimento específico do indivíduo, qualquer que seja sua idade. O Programa Son-Rise propõe a implementação de um programa domiciliar dirigido pelos pais, os quais podem contar com o auxílio de um grupo multidisciplinar de profissionais e voluntários.

As crianças autistas são mais responsivas às situações dirigidas que às livres e também respondem mais consistentemente aos estímulos visuais que aos estímulos auditivos. O método *TEACCH* (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*), que em português significa tratamento e educação para autistas e crianças com déficits relacionados com a comunicação, fundamenta-se em pressupostos da teoria comportamental e da psicolinguística. O método além de indicar, especificar e definir operacionalmente os comportamentos alvo a serem trabalhados, o terapeuta do programa *TEACCH* tem a possibilidade de desenvolver categorias de repertórios que permitem avaliar de maneira qualitativa aspectos da interação e organização do comportamento, bem como o curso do desenvolvimento individual em seus diferentes níveis.

No começo dos anos 60, começou-se a se trabalhar com a análise do comportamento em crianças autistas e com outras desordens do desenvolvimento. Desde aquela época, uma grande variedade de técnicas de ABA, análise comportamental aplicada (*APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS*), tem sido desenvolvida para construir o aprendizado em crianças autistas de todas as idades. O tratamento com ABA tem beneficiado todo o tipo de aprendiz em todas as idades, com muita ou pouca habilidade, em várias questões diferentes. Documentos de pesquisa mostram

que várias técnicas de ABA são efetivas em construir habilidades em crianças, adolescentes e adultos com autismo e desordens relacionadas. E ainda, os métodos de ABA são úteis em ajudar as famílias a lidar com muitos comportamentos difíceis que podem acompanhar o autismo, sem os efeitos colaterais de drogas. De acordo com o Departamento de Saúde do Estado de Nova Iorque, procedimentos derivados da análise do comportamento são essenciais em qualquer programa desenvolvido para o tratamento de indivíduos diagnosticados com autismo. A academia nacional de ciências dos EUA, por exemplo, concluiu que o maior número de estudos bem documentados se utilizaram de métodos comportamentais.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

3.1 Diagnose da escola campo

O local onde realizamos a pesquisa foi criado a partir da Lei nº 1.702 de 20 de abril de 1995, e inaugurado em 07 de setembro desse mesmo ano. Seu prédio passou por algumas reformas e foi ampliado em 2001. O nome escolhido foi uma homenagem da então Secretária Municipal de Educação Cleusa Meireles a seu ex-professor Belarmino Roriz, mais conhecido por Belim. Professor e advogado, Belim foi um dos políticos mais respeitados pelo povo luzianiense e fez diferença na história da Educação do Município. Hoje, a Escola Professor Belim oferece os seguintes níveis de ensino: Educação Infantil I e II, Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano) e a modalidade de Ensino Especial (Educação Infantil e 1º ao 5º Ano). A Escola segue na Educação Inclusiva, o DG-GO / Cortes Temporais, Adaptação Curricular Ensino Fundamental e Especial para as aulas sobre as orientações da Divisão de Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais e tem como tema Trabalhando pela Educação Inclusiva.

E a escolha dessa escola teve o intuito de compreendermos como vem ocorrendo a inclusão de crianças com TEA na rede regular de ensino e como a formação docente contribui nesse processo e a escolha desta escola se deu em razão da mesma atender prioritariamente ao que determina a legislação vigente, ou seja, ao passo que possui alunos com TEA matriculados em diferentes salas de aula do ensino fundamental, oferecem o Acompanhante Especializado, conforme prescreve a lei 12.764 de 2012 e orienta os teóricos, como Silva et al (2012) e Cunha (2014).

3.2 Nosso percurso metodológico

Esta pesquisa se fundamenta no estudo através de pesquisas bibliográficas, e de uma pesquisa de campo em uma escola municipal na cidade de Luziânia-GO.

Para atingir este objetivo, escolhemos utilizar a pesquisa bibliográfica que tornou possível a elaboração dos capítulos II e III deste estudo, além da pesquisa de campo, de natureza exploratória e qualitativa, compreendendo que a mesma é importante para aferir aspectos qualitativos de alguma questão, como é o caso de

identificar as conquistas e impasses experimentados pelos professores para incluir alunos com TEA.

A escolha por este tipo de pesquisa se deu porque entendemos que a pesquisa qualitativa exploratória está mais relacionada no levantamento de dados sobre as motivações ou dificuldades de um grupo, como é o caso dos professores, e não tem intenção de obter números como resultados. Para isso, buscaremos compreender e interpretar determinados comportamentos, que iremos acompanhar no cotidiano da escola, além de também coletar a opinião dos docentes a partir de um questionário elaborado para ser instrumento complementar das observações.

Nosso objetivo é criar uma base de conhecimentos a respeito do assunto, ou seja, da inclusão dos estudantes com TEA na rede regular de ensino, considerando o papel dos professores como essencial nesse processo. Durante a pesquisa foi possível perceber que o assunto sobre a inclusão do autista é muito repercutido, pois atualmente não só está aumentando o índice de autistas como também o reconhecimento da necessidade destes.

A pretensão deste estudo é de encontrar resultados ou a melhor forma de fazer com que a criança autista possa se sentir dentro daquele cotidiano escolar, interagindo, aprendendo, se desenvolvendo cada vez mais alcançando seus objetivos e vencendo o transtorno.

Decorrente de toda essa situação, esta pesquisa considerou o crescente volume de diagnósticos de crianças e adolescentes com autismo, e a pesquisa proposta por este estudo foi prontamente acolhida pela instituição, nas pessoas da gestão e professoras, com os quais se deu o primeiro contato com a instituição, ambos se comprometeram a colaborar no que se fizesse necessário para realização do presente estudo. A pesquisa teve início no mês de Setembro, um estudo de caso em uma escola municipal de Luziânia, de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, com objetivo de acompanhamento e observação de pelo mesmo 30 dias na mesma sala de aula incluindo tanto o espaço interno quanto o externo da sala, onde se encontra aluno (os) com TEA (transtorno do espectro autista), através desta observação foi feito registros escritos e pesquisa qualitativa, para identificação de como se dá a inclusão do autista, se há dificuldades por parte dele, ou se o professor tem essa dificuldade de incluí-lo, ou o que seria necessário para essa inclusão de ambos os lados, ou seja encontrar respostas através da observação tendo como finalidade uma interferência indireta através da conclusão deste trabalho.

A coleta de dados, com a realização da entrevista semiestruturada com perguntas abertas, segundo Luciano (2001, p.30) "possibilita que o sujeito da pesquisa expresse sua opinião".

Para a elaboração do estudo, optou-se pelo estudo de caso, que é uma metodologia qualitativa amplamente utilizada em pesquisas em ciências sociais. O estudo de caso, segundo Rauen (2002,p.58) consiste em "uma análise profunda e exaustiva de um ou poucos objetos, de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento".

Haja visto, que o referido estudo teve como objetivo aproximar a pesquisa da realidade que desejava-se evidenciar, utilizando de meios adequados para identificar ações e práticas no âmbito escolar.

O contato prévio na instituição onde foi feita a pesquisa aconteceu no mês de agosto, do mesmo ano, diretamente com uma gestora, uma professora e em seguida ocorreu o contato com a mãe de uma aluna com autismo. Em todos os momentos, justificou-se a importância da participação na pesquisa com os pesquisados, a fim de que compreendessem que a mesma teria o objetivo de construir e colaborar no desenvolvimento do potencial dos educandos que apresentam autismo.

Assim, firmou-se compromisso que não será revelado o nome de nenhum dos envolvidos, e para tanto, para garantir o sigilo da identidade dos entrevistados, na pesquisa iremos utilizar os nomes, Educadora, Supervisora e Mãe.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este momento da pesquisa teve como objetivo analisar e discutir os dados levantados, para a compreensão da visão dos educadores, diretora e pais, sobre o tema em questão. As limitações, os interesses das pessoas que apresentam a síndrome. Assim, a fim de constatar o conhecimento que a comunidade escolar possui sobre o conceito de autismo, foi realizado um questionário com uma educadora, uma supervisora da instituição escolar e a mãe de uma estudante. Quando questionados sobre o que era o autismo obteve-se as seguintes respostas:

O autismo é um transtorno no desenvolvimento do cérebro que afeta a capacidade de relacionamento com pessoas e o ambiente (Educadora).

É um distúrbio que afeta a área comportamental, algumas vezes social, em alguns alunos apresenta estereotípias e movimentos repetitivos (Supervisora).

O Autismo é um distúrbio do Neurodesenvolvimento atípico com manifestações comportamentais, déficits de aprendizado, prejuízo na interação social, dentre outros (Mãe).

Quando perguntamos sobre o que é a inclusão obtivemos as seguintes respostas:

A inclusão, principalmente a inclusão escolar, ela é o direito de todas as pessoas, alunos de estarem juntas, no mesmo ambiente de aprendizagem, é dá a oportunidade dessa criança, desse indivíduo de participar não só das mudanças que ocorrem dentro da família ou dentro daquele ambiente que elas vivem, mas do geral, do social, que envolve cultura, envolve o compartilhar experiências e não é só garantir o acesso, é garantir que tenha permanência e da qualidade durante o percurso (Educadora).

Todos os eventos que acontecem na escola as crianças com necessidades especiais participam, e os seus pais são chamados a participarem também! (Supervisora).

Perguntamos ainda, se a escola oferece formação continuada para professores que atuam com crianças autistas ? Como acontece? Para essas perguntas obtivemos da supervisora que:

Esta é uma formação da Secretaria Municipal de Educação de Luziânia, em parceria com a Escola, realizada quinzenalmente, todas às quartas-feiras, no horário de coordenação de cada grupo de professores.

A coordenadora falou sobre a relação de pais e escola de modo geral, levando em consideração a especificidade do tema abordado: inclusão de crianças com autismo nos anos iniciais do ensino fundamental, e explicou como ocorre a relação família X escola diante de tal realidade.

Para que o trabalho pedagógico tenha um bom desenvolvimento é preciso buscar primeiro um bom relacionamento escola-comunidade. A participação é um dos pontos chaves no processo pedagógico, acompanhando o desempenho de alunos e professores, discutindo projetos e anseios comuns. Somente conseguiremos atingir esse objetivo, quando concretizarmos essa integração escola-comunidade, essencialmente necessário à formação das nossas crianças.

As falas evidenciaram alguns sentimentos, que estavam relacionados especialmente à falta de conhecimento sobre a temática. No que se referiu aos sentimentos dos professores acerca da inclusão de um aluno com TEA, observa-se que o impacto inicial trouxe, num primeiro momento, insegurança e medo nas professoras, mas, logo após o período de adaptação do aluno com TEA à escola, e também as formações continuadas, as professoras relatam que os sentimentos de insegurança, medo e desamparo modificaram-se, dando espaço à confiança e ao afeto criado pelo aluno. Em relação ao tema Prática Pedagógica, as professoras relataram que a inclusão do aluno com TEA não interferiu na dinâmica das aulas, pois, tendo algum déficit ou não, cada aluno é individual, subjetivo e, portanto, possui sua maneira subjetiva de aprender. Desta forma, o planejamento de aulas é individual e diferenciado para os alunos. Assim, os principais aprendizados parecem estar relacionados com a própria prática diária em sala de aula.

Na investigação observou-se que, de certa maneira, mesmo tendo a experiência e vivência junto ao filho com autismo, os pais possuem pouco conhecimento sobre o assunto.

Segundo Gauderer (1997) há uma precariedade de conhecimento sobre o autismo na atualidade que seja realmente válido. Esse é um dos motivos para tantos mistérios envolvendo o autismo, principalmente no que diz respeito à causa, diagnósticos e tratamento. Nesta perspectiva, não se faz possível uma proposta de trabalho eficaz que seja inclusiva para estes indivíduos, a fim de estimular este a desenvolver suas habilidades.

Partindo do princípio de que é preciso ter cautela e humildade frente ao tema, pois compreender o autismo exige uma aprendizagem constante, onde é preciso revisar as crenças, valores e conhecimentos sobre o mundo, que todos nós possuímos, compreende-se que é necessário que toda a comunidade escolar aprenda e conheça o autismo, sua conceituação e sintomatologia para ter-se um conhecimento das características e de métodos pedagógicos, pois só assim, é que as crianças com autismo poderão ser realmente incluídas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao optar por essa temática para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso, me aproximei da realidade escolar em que atuo como professora auxiliar. Deste modo, ao possuir clareza sobre a temática e os objetivos, busquei respostas para a minha pergunta de investigação: “será que as instituições estão preparadas para receber estes alunos e os professores estão realmente capacitados?”. Neste momento passei a realizar diversas leituras de obras e artigos referentes ao tema.

Muitas mudanças ocorreram na história da educação brasileira durante todos esses anos em que a educação se constitui como algo necessário para a evolução da sociedade. E as mudanças chegaram até à inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais que durante tanto tempo ficaram esquecidas nas classes especiais ou escolas especiais e que há alguns anos conquistaram o direito de serem incluídas nas classes comuns das escolas regulares.

As mudanças não foram fáceis de serem aplicadas e nem tão pouco rápidas em sua realização, porém os avanços foram relevantes e de grande importância para estas pessoas que tanto lutaram para terem seus direitos garantidos e para serem respeitados, independente das diferenças apresentadas, seja no comportamento ou no físico.

Estas mudanças não ocorreram somente através de leis, mas também através de uma conscientização da sociedade que compreendeu que as diferenças são comuns e que fazem parte do ser humano, ou seja, que não somos todos iguais e que não se pode em virtude disto, excluir alguém ou privá-lo de sua efetiva participação na sociedade como qualquer cidadão.

Os autistas durante muito tempo estiveram inseridos neste contexto de exclusão e após muita luta de seus familiares e de profissionais engajados na defesa da inclusão das pessoas autistas, a história de vida dessas pessoas mudou, pois além de terem o seu direito a uma educação de qualidade e gratuita, puderam ter o direito de escolher em qual escola estudar e o direito à matrícula em turmas ou salas sem distinção de necessidades educacionais. Sendo assim, após a realização deste trabalho, podemos destacar que a inclusão de crianças com TEA em classes regulares não pode ser sinônimo de matrícula. Faz-se mister que as políticas públicas

busquem como primeiro passo dar prioridade a formação adequada e continuada para os professores. Sem esta ação, nenhuma intervenção pedagógica se fará possível.

Neste estudo fica notório o conhecimento dos professores relacionada com as propostas inclusivas das crianças com TEA e suas especificidades, características e intervenções. É visível o grande compromisso dos docentes com a aprendizagem dos alunos e o conhecimento acerca das necessidades de cada um e do que precisam para desenvolverem suas habilidades e competências. O presente estudo, além de contribuir para o conhecimento da área, possibilita um maior entendimento acerca da inclusão de alunos com TEA nas escolas comuns. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é hoje uma temática relevante e atual. Considera-se que estudos que debatam e viabilizem o assunto são importantes para a reflexão sobre as práticas pedagógicas que possam contribuir para o desenvolvimento dessas crianças e para o estabelecimento da inclusão escolar. Ressaltamos, por fim, que este estudo é apenas o começo para muitos outros e que não é pretensão nossa esgotá-lo em poucas linhas. O tema, por si só, exige um olhar mais profundo a fim de que o conhecimento adquirido durante toda a pesquisa, seja repassado à todos.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, C. R. **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BEYER, H. O. A educação inclusiva: resignificando conceitos e práticas da educação especial: **Revista da Educação Especial**, Brasília, ano 2, n. 2, p. 8-12, jul. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao2.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEE, 2008.
- BRITO, E. R. A inclusão do autista na Educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop – Mato Grosso. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v.6, n. 2, ed.15, p. 82-91, 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1873/1422>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- GAUDERER, C. Autismo e outros atrasos do desenvolvimento. **Guia prático para pais e profissionais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- KLEIN, R.R.; HATTGE, M. **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010.
- KELMAN, Celeste Azulay. Sociedade, Educação e Cultura. *In*: BARBATO, Silviene; MACIEL, Diva Albuquerque. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão**. Brasília, Editora UnB, 2010.
- Klin, A. Autismo e síndrome de asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, [S. l.], v. 28, maio 2006, p. S3-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbCsndB9Sf5ph5KBYGD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2022
- LUCIANO, F. L. **Metodologia científica e da pesquisa**. Criciúma: ed. do autor, 2001.
- LEMOS, E. L. M. D. et al. Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.28, n.3, p.351-361, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n3/1984-0292-fractal-28-03-00351.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022
- MENEZES, Adriana Rodrigues Saldanha de. Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende? 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/10585>; Acesso em: 12 dez. 2022

MORGADO, J. C. **Identidade e Profissionalidade docente**: sentidos e (im)possibilidades. Ensaio. Avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, 2011.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948. [S. l.]: Unicef, [2000?]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SANINI, C. BOSA. C. A. Autismo e Inclusão na Educação Infantil: crenças e Autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia**, Natal, n.20, v. 3, p. 173-183, jul./set. 2015 . Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2015000300173&lang=pt. Acesso em: 12 dez. 2022

Apêndice 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - PROFESSORES

Escola: Escola Municipal Professor Belim

Professor: Débora Cássia Gomes da Silva

Data: ____/____/2022 **Horário:** ____h ____min.

Acadêmica: Maria Aparecida da Cruz Macêdo

Prezado (a) Professor (a), **Débora Cássia Gomes da Silva**, esta entrevista contribuirá com o desenvolvimento de nossa pesquisa intitulada “ **INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**” minha proposta de Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia na UEG (Universidade Estadual de Goiás) – Unidade Universitária de Luziânia, sob orientação da professora Dra. Zenaide Dias Teixeira Porto. Aproveito a oportunidade para lembrar que utilizaremos os dados para desenvolver nossa pesquisa, no entanto, sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo.

1 - Apresentação do entrevistado (vinculação: efetivo ou temporário; há quanto tempo leciona; há quanto tempo atua na instituição; formação acadêmica; formação complementar; turmas em que leciona).

2. Professora, 30 anos de idade, temporária, trabalha lecionando a um ano na instituição e tem graduação em Pedagogia. Está atualmente na turma do primeiro ano Tip E.

Com relação à primeira pergunta “Para você o que é inclusão? E a inclusão do aluno com autismo?”

Na segunda pergunta “Você já tinha conhecimento sobre o autismo antes de vir trabalhar nesta instituição?”.

Na questão seguinte, perguntamos “Quais os recursos que você possui para trabalhar com o aluno com autismo”?

Agradecemos muito a sua participação!

AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DO PROFESSOR PARTICIPANTE PARA A
GRAVAÇÃO EM ÁUDIO E A UTILIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS PARA
PESQUISA

NOME: _____

ASSINATURA: _____

Apêndice 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - GESTORES

Escola: Escola Municipal Professor Belim

Gestor: Paula Vital

Data: ____/____/2022 **Horário:** ____h ____min.

Acadêmica: Maria Aparecida da Cruz Macêdo

Prezado (a) Gestor (a), **Paula Vital**, esta entrevista contribuirá com o desenvolvimento de nossa pesquisa intitulada “ **INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL** ” minha proposta de Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia na UEG (Universidade Estadual de Goiás) – Unidade Universitária de Luziânia, sob orientação da professora Dra. Zenaide Dias Teixeira Porto. Aproveito a oportunidade para lembrar que utilizaremos os dados para desenvolver nossa pesquisa, no entanto, sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo.

1 - Apresentação do entrevistado (vinculação: efetivo ou temporário; há quanto tempo leciona; há quanto tempo atua na instituição; formação acadêmica; formação complementar; turmas em que leciona).

2 – Coordenadora do Ensino Especial da escola, efetiva desde 2012 e

Psicopedagoga.

Perguntei à coordenadora o que ela entendia por autismo?

A escola oferece formação continuada para os professores que atuam com as crianças autistas? Como acontece?

Tendo em vista a importância da relação de pais e escola de modo geral, levando em consideração a especificidade do tema abordado: inclusão de crianças com autismo nos anos iniciais do ensino fundamental, como ocorre a relação família x escola diante de tal realidade?

Agradecemos muito a sua participação!

AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DO PROFESSOR PARTICIPANTE PARA A
GRAVAÇÃO EM ÁUDIO E A UTILIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS PARA
PESQUISA

NOME: _____

ASSINATURA: _____

Apêndice 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - PAÍS

Escola: Escola Municipal Professor Belim

Nome do pai e/ou mãe participante: Bianca de Oliveira Carvalho

Data: ____/____/2022 **Horário:** ____ _ h ____ min.

Acadêmica: Maria Aparecida da Cruz Macêdo

Prezado participante, **Bianca de Oliveira Carvalho**, esta entrevista contribuirá com o desenvolvimento de nossa pesquisa intitulada “ **INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**” minha proposta de Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia na UEG (Universidade Estadual de Goiás) – Unidade Universitária de Luziânia, sob orientação da professora Dra. Zenaide Dias Teixeira Porto. Aproveito a oportunidade para lembrar que utilizaremos os dados para desenvolver nossa pesquisa, no entanto, sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo.

1 - Apresentação do entrevistado (escolaridade, profissão, idade, vínculo com o estudante, quantos filhos, filho autista, há quanto tempo o estudante está na escola).

2- Professora de artes marciais, 28 anos mãe de uma filha autista de 07 anos e que estuda a quase 03 anos na escola.

Como você descobriu o autismo na sua filha? e qual a sua reação no início?

Em relação à escola, você teve alguma dificuldade para conseguir matriculá-la?

Como é o seu dia a dia, casa, escola, trabalho, os cuidados com sua filha ?

Agradecemos muito a sua participação!

AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DO PROFESSOR PARTICIPANTE PARA A
GRAVAÇÃO EM ÁUDIO E A UTILIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS PARA
PESQUISA

NOME: _____

ASSINATURA: _____

ANEXO 1

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Neste documento, eu **MARIA APARECIDA DA CRUZ MACÊDO** declaro que este trabalho é de minha autoria e o uso de todas as fontes escritas e de material de qualquer natureza utilizado na produção deste documento foi devidamente e apropriadamente reconhecido. Também declaro aqui ter conhecimento do teor da Lei nº 9.610/98, que versa sobre plágio de trabalho intelectual de qualquer natureza e que tenho consciência das consequências desta lei no âmbito civil e criminal.

Assinatura da autora